



Conselho Internacional do Café  
115.<sup>a</sup> sessão  
28 setembro – 2 outubro 2015  
Milão, Itália

**A sustentabilidade do setor cafeeiro na África**

### **Antecedentes**

Nos termos do Artigo 34 do Acordo Internacional do Café de 2007, a Organização Internacional do Café deve preparar estudos, pesquisas, relatórios técnicos e outros documentos sobre aspectos relevantes do setor cafeeiro para os Membros. Este documento contém um relatório revisado sobre a sustentabilidade do setor cafeeiro africano.

### **Ação**

Solicita-se ao Conselho que tome nota deste documento.

## A SUSTENTABILIDADE DO SETOR CAFEIEIRO NA ÁFRICA

### INTRODUÇÃO

1. A agricultura continua a constituir a principal fonte de empregos na África para uma população cada vez mais jovem, de 1,1 bilhão de habitantes. A população rural continua a crescer, exacerbando os problemas da pobreza. Nos 25 países produtores de café do continente vivem mais de 716 milhões de pessoas e, em alguns deles, o café é importante tanto em termos das receitas de exportação quanto da renda gerada para os pequenos agricultores. Este documento atualiza o estudo anterior sobre a sustentabilidade do setor cafeeiro na África (documento [ICC-114-5](#)) e procura analisar a dinâmica do setor cafeeiro africano e os enormes desafios a sua sustentabilidade.

2. Além disso, a base da sustentabilidade de uma economia cafeeira é o bem-estar dos diversos participantes da cadeia, em particular dos produtores, que são seu elo mais fraco. Mais precisamente, um cafeicultor sustentável alcançará objetivos ambientais e sociais de longo prazo e, ao mesmo tempo, conseguirá competir eficazmente com outros participantes do mercado e obter preços que cobrem seus custos de produção e lhe permitem obter uma margem de lucros aceitável. A pergunta que precisa de resposta é se a cafeicultura na África é sustentável.

3. Os seguintes pontos serão cobertos:

- I. Dinâmica do setor cafeeiro africano
- II. Desafios enfrentados pelo setor cafeeiro africano
- III. Conclusão

## I. Dinâmica do setor cafeeiro africano

4. O cafeeiro é uma planta nativa da África, e foi na Etiópia que o hábito de tomar café inicialmente se desenvolveu. Suas duas variedades botânicas, Arábica e Robusta, se originaram na África. O café Robusta é cultivado em menores altitudes; o Arábica, em maiores altitudes e, frequentemente, em terrenos vulcânicos. O Arábica é de cultivo mais difícil e mais caro que o Robusta. A primeira fase da cadeia de valor do café compreende o processo que vai da germinação à produção de grãos, incluindo a construção de viveiros, o plantio, a manutenção dos cafezais e a colheita dos grãos maduros (fase primária da cadeia de valor). A segunda fase engloba o processamento primário pós-colheita dos grãos maduros e pode gerar grande valor agregado, dependendo do processamento das cerejas vermelhas por via úmida ou seca. A terceira fase consiste nos processos de comercialização e embalagem. A quarta compreende todas as atividades envolvidas na torrefação e distribuição para consumo final. Essa fase final da cadeia de valor só é levada a cabo em um pequeno número de países exportadores e raramente na África.

### I.1 Produção de café na África

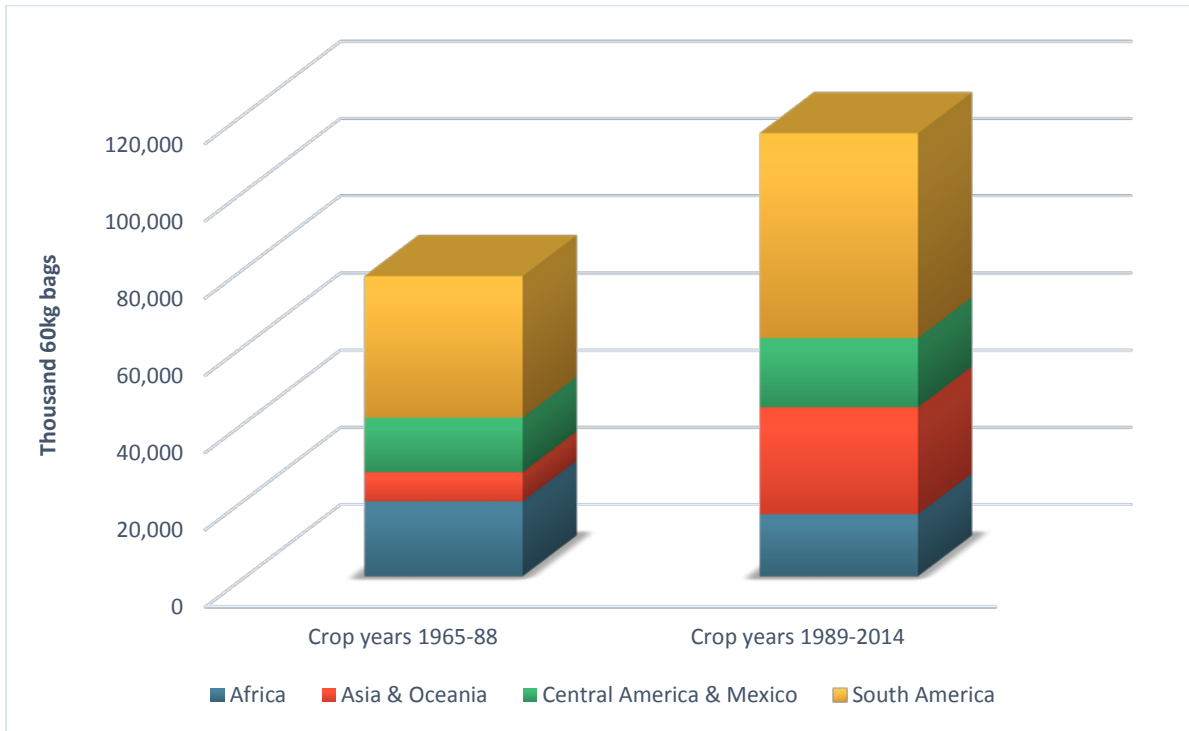
#### I.1.1 Tendências da produção no passado e no presente

5. A África é a região com o maior número de países produtores de café: 25, em contraste com 11 na Ásia e Oceania, 12 no México e América Central e 8 na América do Sul. Nos últimos 49 anos, a produção africana acusou um crescimento negativo. De 1965/66 a 1988/89, quando o mercado era regido pelo sistema de quotas de exportação, a produção média do continente foi de 19,4 milhões de sacas por ano-safra e, de 1989/90 a 2014/15, com o mercado livre, ela foi de 16 milhões por ano-safra (gráfico 1). Durante esses dois períodos, a participação africana na produção mundial caiu de 24,9% para uma média de 14% (gráfico 2). No ano-safra de 2014/15, a produção do continente girou em torno de 16,9 milhões de sacas, ou 12% de uma produção mundial estimativa de 141,7 milhões, com um volume estimativo de 10,4 milhões de sacas produzido por apenas dois países (Etiópia e Uganda)<sup>1</sup>.

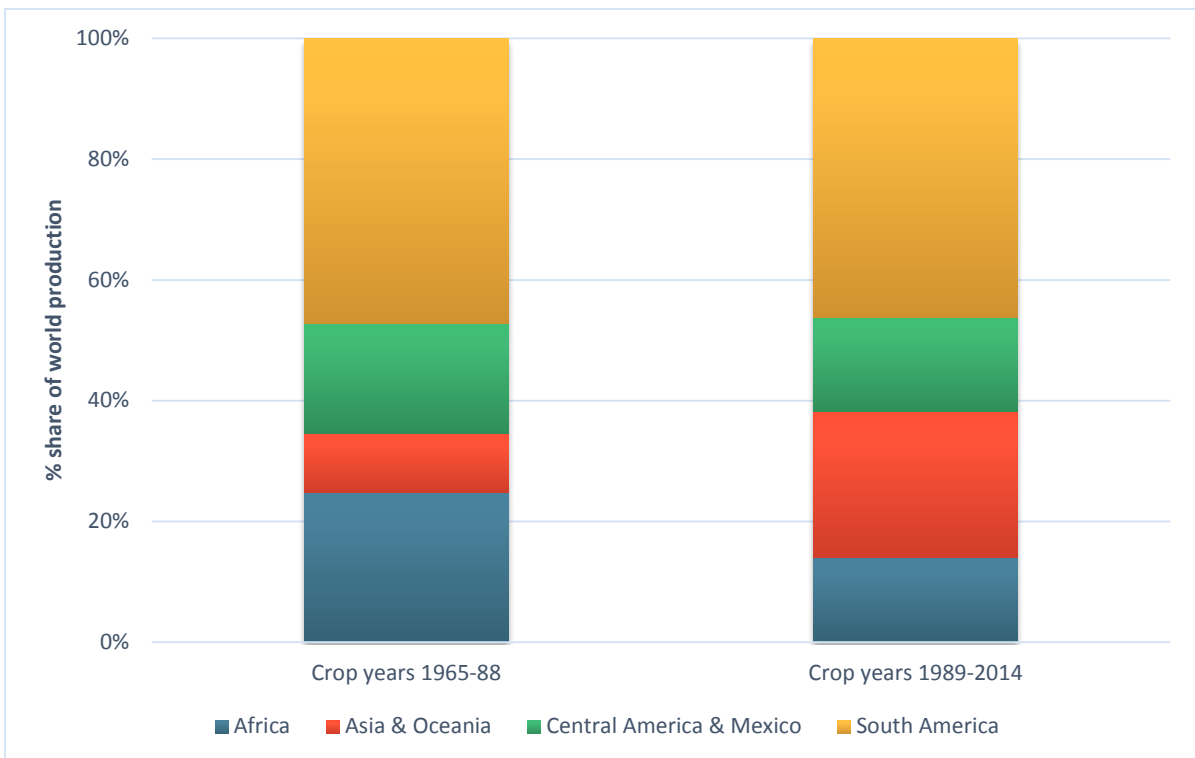
---

<sup>1</sup> As estatísticas da produção usadas neste estudo datam de julho de 2015.

**Gráfico 1: Produção mundial média por região**



**Gráfico 2: Participação na produção cafeeira mundial por região**



## I.1.2 Desempenho por país

6. No período de 1965/66 a 1988/89, entre os 20 maiores países produtores de café, responsáveis por 91% da produção mundial, estavam oito países africanos (quadro 1 do Anexo), também responsáveis por 21,5% do volume médio da mesma: Côte d'Ivoire (5,1% da produção mundial), Etiópia (3,7%), Uganda (3,6%), Angola (2,2%), Camarões (2%), República Democrática do Congo (1,8%), Quênia (1,8%) e Madagascar (1,4%). Em contraste, no período de 1989/90 a 2014/15, só quatro países africanos se colocaram entre os 20 maiores produtores, agora responsáveis por uma média de 93,7% da produção mundial. Os quatro países africanos em questão, que só respondem por 9,9% da produção mundial, são a Etiópia (3,9%), Uganda (2,6%), a Côte d'Ivoire (2,5%) e o Quênia (0,9%). O quadro 2 do Anexo mostra o desempenho recente de todos os países africanos a partir do ano-safra de 2009/10 e a respectiva classificação mundial.

7. Em todos os países africanos, com exceção da Etiópia e Uganda, a produção evidentemente declinou depois do período de 1965/66 a 1988/89. Os principais países afetados incluem **Angola**, que respondia por uma média de 5% da produção mundial anual até meados da década de 70 e perdeu seu lugar entre os maiores produtores da região, com uma produção estimada em apenas 35.000 sacas no ano-safra de 2014/15, ante 3,5 milhões em 1970/71. A **República Democrática do Congo** e **Madagascar** perderam grande parte de sua participação de mercado, produzindo 335.000 e 621.000 de sacas, respectivamente. No entanto, os programas de reabilitação do café que estão sendo implementados nesses países, particularmente em Angola, poderão ajudar a inverter a tendência ao declínio.

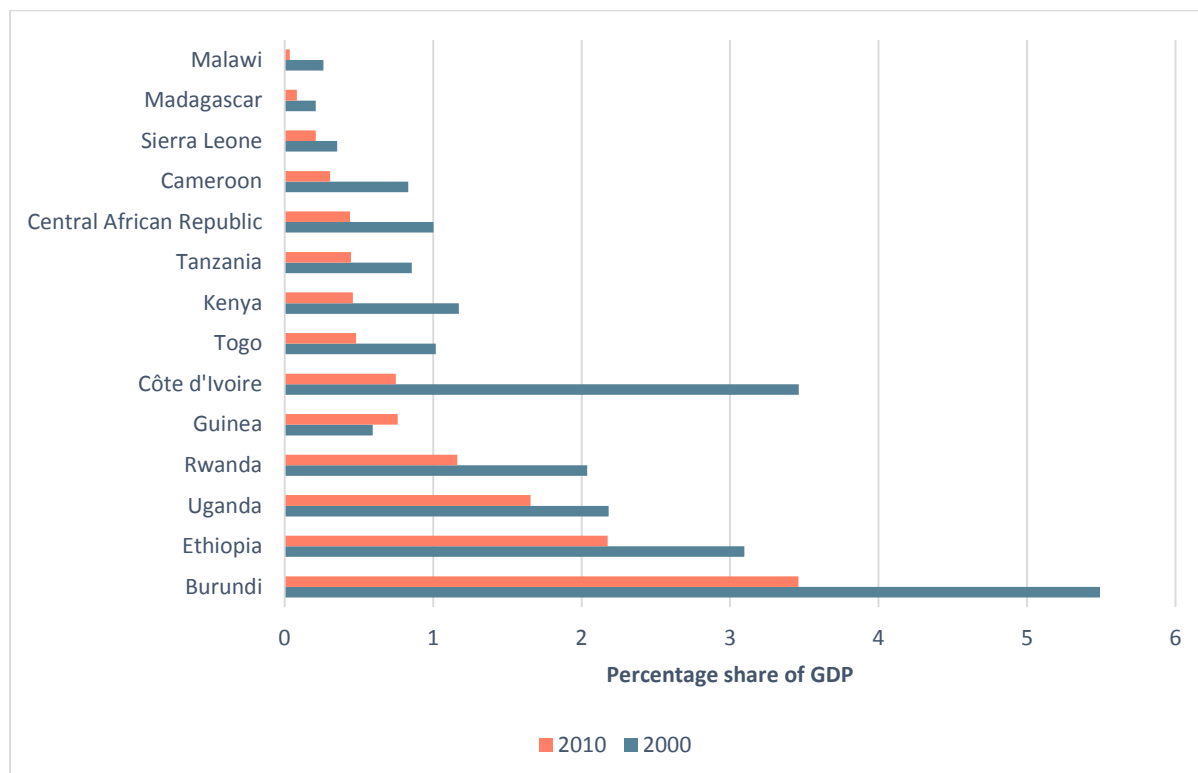
8. A **Côte d'Ivoire** e os **Camarões** ainda são produtores importantes, mas com uma produção substancialmente menor. Na **Côte d'Ivoire** a produção caiu de uma média anual de cerca de 4 milhões de sacas até 1988/89 para 2,8 milhões com o mercado livre. Sua produção no ano-safra de 2014/15 é estimada em 2,2 milhões de sacas. Os **Camarões** vêm produzindo menos de um milhão de sacas por ano desde 2000, ante 1,5 milhão nas décadas de 80 e 90. Sua produção no ano-safra de 2014/15 é estimada em apenas 475.000 sacas. O programa "Nova Geração" de reabilitação do setor cafeeiro, que o setor privado lidera, poderá relançar a produção no futuro próximo, dependendo de continuar a receber apoio do governo, com base no argumento de que ajuda a reduzir o desemprego entre os jovens e a conseguir maior participação feminina na agricultura.

9. Também se observa uma redução constante da produção do **Quênia**, onde desde 2000/01 o volume médio produzido caiu para menos de 800.000 sacas, ante 1,5 milhão no período de 1970/71 a 1999/2000. Estima-se que no ano-safra de 2014/15 a produção total do Quênia foi de 850.000 sacas. Até os anos 80, o café era a principal fonte de divisas do país, antes de ser ultrapassado pelo chá, a horticultura e o turismo. A **Tanzânia** é o quarto maior

país africano produtor de café, com uma produção anual média de cerca de 800.000 sacas. Houve considerável melhora desde o ano-safra de 2012/13, e a produção de 2014/15 é estimada em mais de 1 milhão de sacas, após um regresso a 809.000 sacas em 2013/14.

10. O crescimento mais dinâmico da produção africana ocorreu na **Etiópia**, registrando um aumento médio anual de 2,2% nos últimos 50 anos-safra, que se elevou a 2,7% desde 1989/90. A tendência da produção etíope em geral é altista, apesar de algumas interrupções baixistas, e em 2014/15 o volume alcançado foi de cerca de 6,6 milhões de sacas. A Etiópia também é única na África por ter uma cultura de consumo interno vigoroso, que frequentemente absorve mais da metade da produção nacional. Em menor escala, **Uganda** registra um crescimento constante da produção, com uma média anual que flutua entre 2,7 e 3 milhões de sacas desde os anos 70. Sua produção em 2014/15 é estimada em 3,8 milhões de sacas. Os demais países produtores africanos registraram níveis baixos de produção, exacerbados pela introdução do mercado livre, particularmente em consequência da redução do envolvimento dos governos. No entanto, o café ainda faz um contributo vital para as receitas em divisas e responde por uma proporção significativa da receita tributária e do produto interno bruto de muitos países do continente (gráfico 3).

**Gráfico 3: Participação do café no PIB de países produtores africanos selecionados**



### I.1.3 Principais características da cafeicultura

#### i) Área cultivada com café e número de cafeicultores

11. Na cafeicultura de quase todos os países africanos, há um predomínio das pequenas propriedades, de tamanho que varia entre meio hectare e 10 hectares cada uma<sup>2</sup>. O número de grandes propriedades ou fazendas é pequeno. O Malauí e a Zâmbia são as exceções, pois em sua cafeicultura predominam as grandes propriedades. No Quênia, propriedades desse tipo respondem por 40% do total da produção. O número total de cafeicultores diretamente envolvidos em atividades da produção de café na África é estimado em 10 a 12 milhões. Essa cifra pode diferir conforme a fonte, dependendo da definição estrita do conceito de cafeicultores individuais e familiares. O número total de núcleos familiares que se ocupam da cafeicultura é estimado em 7 milhões, e um núcleo médio consiste em dois adultos (marido e mulher). Em alguns casos, marido e mulher são registrados como cafeicultores, mas às vezes só os homens são considerados como tal. O quadro 3 do Anexo indica o número estimativo de núcleos familiares e a área cultivada com café, por país.

12. Para comparação, o quadro 1 abaixo contém um resumo do número estimativo de cafeicultores e empregados nas quatro regiões cafeeiras e indica a participação percentual da população rural.

**Quadro 1: Número de cafeicultores e participação média da população rural**

	Número de cafeicultores	Número de empregados	Total	Participação % da população rural no total da população	Participação % da população rural que cultiva café
<b>Total África (25 países)</b>	11 663 353	437 165	12 100 518	64	53
<b>Ásia &amp; Oceania (11 países)</b>	4 011 390	614 600	4 625 990	64	24
<b>América Central &amp; México (12 países)</b>	585 866	2 036 960	2 622 826	28	12
<b>América do Sul (8 países)</b>	1 409 000	810 500	2 219 500	32	11
<b>Total (56 países)</b>	17 669 609	3 899 225	21 568 834		

<sup>2</sup> Em países como Burundi, Malauí, Ruanda e Zimbábue, as pequenas propriedades de café podem chegar a ter apenas 100 cafeeiros.

13. Os modelos de estrutura fundiária na África variam de país para país e de região para região no mesmo país. Usa-se muito terreno para café nas áreas onde a escolha do que se pode cultivar para exportar é pequena. Onde a possibilidade de diversificar é grande, usa-se menos terreno. Cabe notar que as principais decisões sobre questões relativas ao café são quase sempre tomadas pelos homens, que encabeçam a maioria dos núcleos familiares na África. Disso resulta que a família em que marido e mulher são cafeicultores costuma ser considerada composta por um cafeicultor em vez de dois. Pode-se razoavelmente estimar, todavia, que os cafeicultores e empregados totalizam entre 10 e 12 milhões de homens e mulheres.

14. Outra importante característica da cafeicultura africana é o envelhecimento dos cafeicultores, em média com mais de 60 anos, apesar de o continente possuir uma enorme população de jovens. Pessoas jovens e instruídas não participam da produção de café, devido a seus retornos pouco remunerativos.

*ii) Sistemas agrícolas*

15. Com poucas exceções, as pequenas propriedades não costumam ser bem desenvolvidas, devido à falta de equipamentos. Isso, por sua vez, se deve a investimentos limitados de capital para aumentar a eficiência. Muitos cafeicultores se dedicam a outros cultivos comerciais e de alimentos. Em muitos países, na África ocidental em particular, esses cultivos são extensivos, em um sistema que se caracteriza por um mínimo de insumos e produtividade muito baixa. O impacto desse sistema de agricultura extensiva é negativo em termos do desmatamento e uso hídrico. Em geral se usa de mão de obra familiar para manutenção dos cultivos, em certos casos com a ajuda de mão de obra contratada. A agricultura mista (café intercalado com cultivos de alimentos como banana, feijão, batata e outros) é geralmente praticada em toda a África. A maior parte dos cafezais foi estabelecida há várias décadas, e a idade dos cafeeiros é de mais de 30 anos. Em alguns países, porém, materiais melhorados de plantio foram introduzidos, em particular nos países produtores da África oriental. Instituições de pesquisa cafeeira fornecem materiais de plantio aos cafeicultores, mas, devido à limitação dos recursos das instituições, em diversos países as necessidades dos cafeicultores nem sempre são satisfeitas.

*iii) Custos de produção*

16. É difícil calcular os custos de produção, pois os pequenos cafeicultores dependem de mão de obra familiar e, ocasionalmente, de mão de obra contratada. A falta de registros também limita o cálculo desses custos e, em quase todos os países, os cafeicultores não dispõem de sistemas de controle dos mesmos. Não há indicadores confiáveis para referenciar o desempenho dos cafeicultores em relação aos diversos fatores normalmente levados em conta na avaliação da competitividade econômica. Os custos de produção incluem terra, água,



cafeeiros, fertilizantes, pesticidas e mão de obra. Eles variam amplamente de país para país, devido a diferenças entre sistemas de comercialização, infraestrutura física (estradas, transporte, etc.), propriedade da terra e créditos disponíveis. A mão de obra e os fertilizantes são os fatores críticos na determinação dos custos de produção. Como tanto a mecanização quanto o uso de fertilizantes são raros na África, os custos de mão de obra representam mais de 70% do custo total de produção. Em alguns países da África oriental nota-se uma mudança demográfica à medida que os pequenos agricultores começam a usar mão de obra contratada para o manejo agrícola, numa área que tradicionalmente cabia à mão de obra familiar.

17. Os custos de produção do café Robusta tendem a ser mais baixos que os do Arábica, pois o preparo do café Arábica para o mercado exige mais insumos e processamento. Acresce que fertilizantes também são mais amplamente usados pelos produtores de Arábica que de Robusta. Na África oriental, o uso de fertilizantes e pesticidas requer um desembolso médio de mais de US\$600 por hectare. O controle de doenças responde por mais de 30% dos custos. Os custos de produção geralmente são mais baixos para as pequenas propriedades que para as grandes propriedades. No Burundi, por exemplo, o custo médio de produção para um cafeicultor que adota boas práticas agrícolas (fertilizantes e mão de obra) varia entre 50,1 e 57,6 centavos de dólar dos EUA por cafeeiro. Em média há 100 cafeeiros por propriedade.

#### *iv) Financiamento do setor cafeeiro*

18. Apesar da importância da agricultura na economia africana, seu financiamento tem sido marginalizado, pois o setor bancário tradicionalmente se esquia de emprestar à agricultura, devido à percepção ou realidade dos riscos inerentes. Em muitos países, o setor agrícola recebe menos de 4% do financiamento bancário, em comparação com os setores secundário e terciário, que absorvem mais de 30% e 60%, respectivamente. Os grandes fazendeiros em geral conseguem obter crédito ou levantar recursos através do setor formal com mais facilidade que os pequenos agricultores. Além disso, as operações relacionadas com a produção agrícola e pecuária são de menor interesse para os bancos que as atividades comerciais. Desde a liberalização, muitos bancos estatais de desenvolvimento e agrícolas foram desfeitos em diversos países produtores de café.

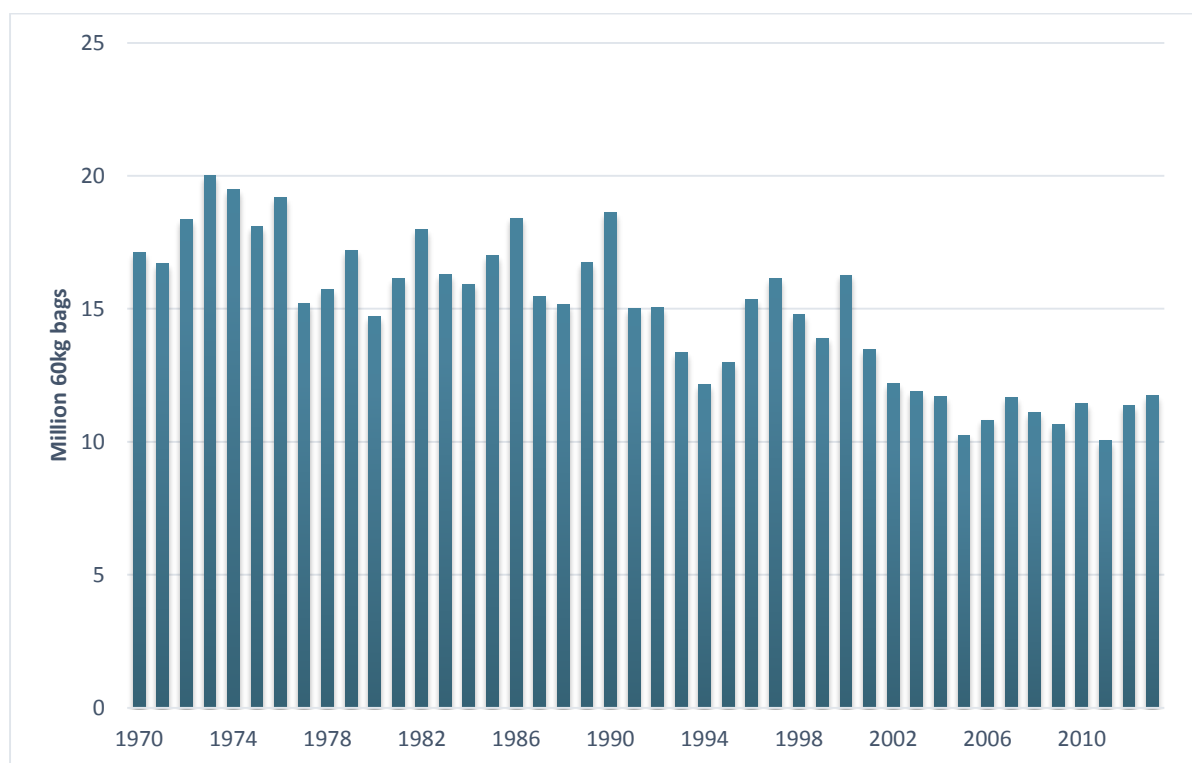
19. Isso não obstante, em alguns países – no Quênia sobretudo –, recentes iniciativas vêm ajudando a reduzir a falta de recursos, para o setor cafeeiro em particular e para toda a produção agrícola em geral. Além disso, em 2006 o Fundo de Desenvolvimento do Café (FDC) foi estabelecido no país com a missão de atuar como canal governamental para o financiamento do desenvolvimento agrícola e da produção. O FDC procura alcançar esse objetivo disponibilizando crédito sustentável e econômico aos cafeicultores, para o financiamento de insumos agrícolas e de operações que agilizem a produção de café de alta qualidade e elevem

suas receitas. O FDC recentemente juntou-se a outras entidades para formar o Fundo dos Produtos Básicos (Commodities Fund), cujo mandato foi ampliado para cobrir diversos produtos agrícolas, como cana de açúcar, chá, produtos hortícolas, sisal, algodão, cereais, tubérculos e muitos outros<sup>3</sup>.

## I.2 Desempenho das exportações de café africanas

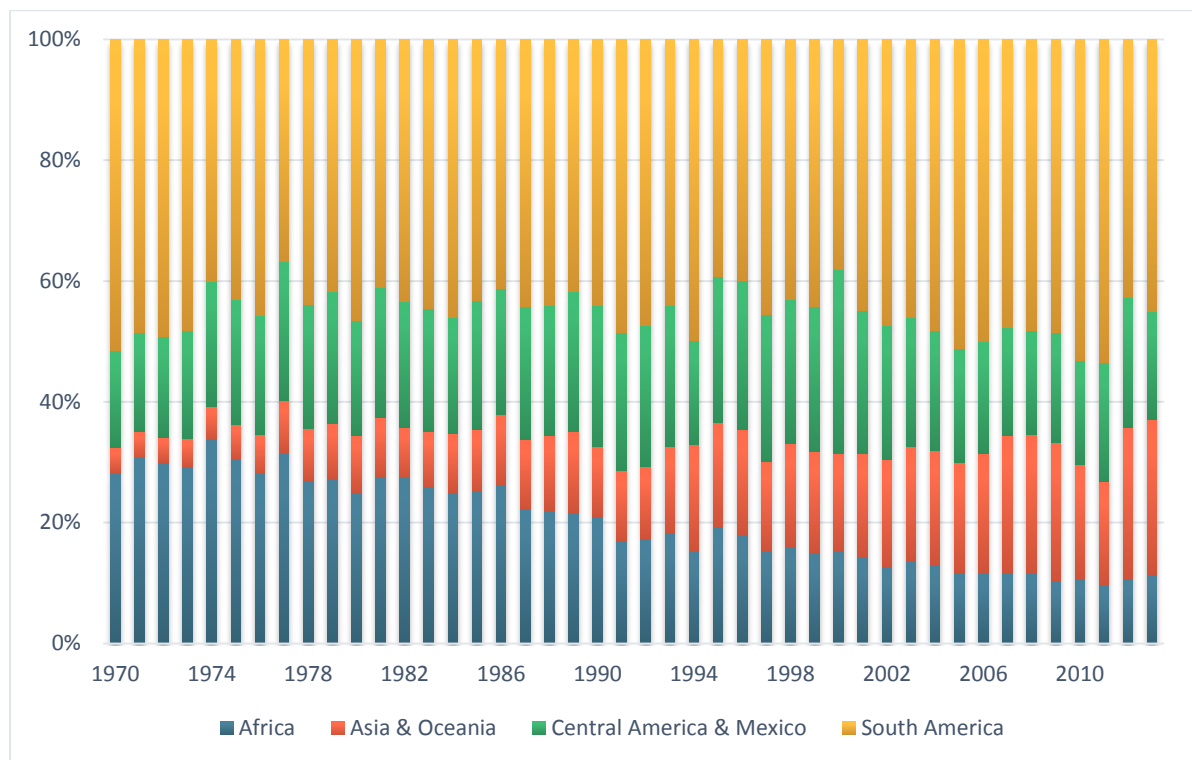
20. O declínio da produção em vários países significou que, no período de mercado livre de 1990 a 2014, as exportações da África caíram mais de 22% (gráfico 4). Um exame do período recente do ano 2000 até agora revela que Uganda se tornou o maior exportador africano de café, com uma média de 2,8 milhões de sacas, seguido pela Etiópia (2,5 milhões) e a Côte d'Ivoire (2,4 milhões). O valor total das exportações de café verde dos países exportadores africanos em 2014 é estimado em 1,8 bilhão de dólares, de um total mundial de 15,9 bilhões ou 11,4%, em comparação com 21%, em 1990 (gráfico 5).

**Gráfico 4: Exportações de café verde da África desde 1970**



<sup>3</sup> Para informações sobre as operações do Fundo dos Produtos Básicos do Quênia, visite [www.CoDF.co.ke/](http://www.CoDF.co.ke/).

**Gráfico 5: Participação nas receitas de exportação de todas as formas de café por região**



### I.3 Processamento e consumo interno

21. Apesar da falta de dados confiáveis sobre este aspecto nos países, os mercados internos estão crescendo para o café. A Etiópia continua sendo líder de consumo interno, com 3,7 milhões de sacas em 2013/14. Esse volume representa 71,6% do total do consumo interno na África e 8% do total do consumo interno em todos os países exportadores. Em vários outros países, como os Camarões, a Côte d'Ivoire, o Quênia e Uganda, o consumo interno recentemente aumentou a passos largos, e hoje se observa uma cultura vigorosa desse consumo em vários países africanos, embora a qualidade do café torrado ainda deixe muito a desejar. Na República Centro-Africana a produção é pequena, mas o consumo é muito difundido, seja entre as populações rurais, seja entre as urbanas. Com o crescimento populacional do continente, existe na África enorme potencial para o aumento do consumo interno. No entanto, esse potencial ainda não se materializou no que tange ao consumo per capita, que se mantém muito baixo, em média só registrando 466 gramas (quadro 4 do Anexo). A elevação dos padrões de vida da população deve levar a um aumento do consumo de café, como nos mercados emergentes.

## I.4 A estrutura institucional do setor cafeeiro na África

22. Embora haja casos específicos a países, as instituições que fazem parte da cadeia de valor do café incluem órgãos reguladores do setor cafeeiro, organizações do setor privado (cooperativas, sindicatos de agricultores, processadores/exportadores), instituições de pesquisa e instituições que prestam serviços de extensão.

### I.4.1 Órgãos reguladores do setor cafeeiro

23. As reformas do setor paraestatal que houve no contexto dos programas de ajustamento estrutural do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional levaram à dissolução das juntas de comercialização e à criação de órgãos reguladores em diversos países produtores africanos. As principais responsabilidades desses órgãos públicos incluem licenciamento de exportadores, arrecadação de impostos, controle de qualidade, serviços de informação sobre preços, desenvolvimento do setor como um todo e representação do setor em organizações internacionais e regionais do café. Apesar da liberalização, no entanto, alguns países continuam a influenciar a comercialização interna e externa (por exemplo, a Côte d'Ivoire).

### I.4.2 Setor privado

24. As reformas do sistema de comercialização de café atraíram muitos novos exportadores e intermediários ao setor, e o setor vem-se organizando em associações, para melhorar o clima do mercado. Os cafeicultores também se organizaram em cooperativas e sindicatos, que, porém, são relativamente fracos em muitos países. Em Uganda e outros países produtores, o êxito inicial dessas cooperativas foi comprometido por interferências políticas e má administração. O Quênia, por sua vez, tem uma longa tradição de organizações de cafeicultores, pois a lei requer que eles formem cooperativas para gerir seus negócios. Na África ocidental, os movimentos cooperativos são relativamente novos.

### I.4.2 Organização do mercado interno

25. Com a liberalização que começou no início dos anos 90, as intervenções governamentais têm-se limitado à regulamentação do setor, a comercialização ficando a cargo do setor privado. Países como a Côte d'Ivoire, porém, continuam a exercer controle limitado sobre a comercialização, garantindo preços mínimos aos cafeicultores e aprovando os preços de exportação obtidos pelos exportadores (*prix de déblocage*). Nos países que adotam um sistema de mercado livre, os preços são ditados pelo mercado internacional e transmitidos localmente através de um sistema de leilões (Etiópia, Quênia e Tanzânia) ou através de vendas diretas (Ruanda, Uganda, etc.). Em Uganda e Ruanda, o setor privado opera

livremente na comercialização interna e externa de café, mas há certo nível de controle dentro do sistema de leilões na Etiópia, Quênia e Tanzânia. Em alguns países, os pequenos cafeicultores se organizam em cooperativas para melhorar a comercialização de seu café, mas a capacidade delas é limitada, devido à acanhada inversão de capitais em infraestrutura e à escassez de recursos financeiros. Em países onde existe a tradição de um movimento cooperativista como o Quênia e a Tanzânia, a situação é semelhante.

## II. DESAFIOS ENFRENTADOS PELO SETOR CAFEIEIRO NA ÁFRICA

26. O que se precisa saber, em primeiro lugar, é se a África está pronta para conseguir a sustentabilidade de seu setor cafeeiro. Em alguns países houve certo progresso, mas o setor ainda enfrenta muitos desafios nesse sentido. Sustentabilidade do setor se refere a uma maneira de avaliar o bem-estar dos cafeicultores, além de constituir uma boa política para a proteção do meio ambiente e a promoção da igualdade social. Ou seja, um cafeicultor sustentável alcançará objetivos ambientais e sociais de longo prazo e, ao mesmo tempo, poderá competir eficazmente com outros participantes do mercado e alcançar preços que cobrem seus custos de produção e lhe permitem obter uma margem de lucro aceitável. O desenvolvimento de um setor cafeeiro sustentável na África, assim, enfrenta diversos desafios em todas as fases da cadeia de valor, da produção ao consumo final.

### II.1 Desafios associados com a produção

#### II.1.1 Produtividade agrícola

27. Como os preços no mercado internacional fogem ao controle dos cafeicultores, espera-se que um aumento da produtividade mitigue seus custos de produção, assim contribuindo para melhorar suas receitas. A alta produtividade, portanto, é um fator importante para a consecução de uma produção cafeeira sustentável. A produtividade média, porém, em geral é baixa, tendo inclusive caído em alguns países (quadro 5 do Anexo). Ela varia de 0,1 a 0,8 tonelada por hectare. Estima-se que nos anos-safra de 2011/12 a 2014/15 a média foi de 408,7 kg/ha. É preciso notar que a produtividade das grandes propriedades é um pouco mais alta. De forma geral, a agricultura africana se caracteriza por baixa produtividade, devido à subfertilização do solo e à falta de cuidados regulares. Em Ruanda, por exemplo, só 25% das propriedades agrícolas são tratadas com fertilizantes. A falta de intensificação agrícola levou à expansão das fronteiras agrícolas e à abertura de terrenos menos favoráveis ao cultivo. A demanda limitada por fertilizantes pelos pequenos agricultores também se deve aos preços mais altos dos fertilizantes, com preços de porteira de fazenda por seus produtos relativamente baixos. Em outras palavras, o uso de fertilizantes como os agroquímicos é pequeno, devido a seus custos elevados.

### II.1.2 Baixa adoção de novas tecnologias

28. A produção Africana tem sido seriamente debilitada por sua contínua dependência de variedades de café obsoletas e frequentemente improdutivas, face à prevalência difusa de pragas e doenças, como a ferrugem, a broca do grão, a broca do tronco e a traqueomicose do café, entre outras. A maioria das variedades hoje cultivadas nos diferentes países é suscetível à ferrugem e/ou à broca. Apesar do papel crucial da pesquisa no desenvolvimento tecnológico, muitos países africanos lhe dão pouca atenção, pois os recursos das instituições de pesquisa são limitados. O desenvolvimento de tecnologias nos países produtores do continente ainda é considerado marginal. O que esses países fazem em questão de pesquisa e desenvolvimento a nível mundial é muito pouco, em comparação com o que fazem os países produtores da Ásia e América Central e do Sul.

29. Os programas de pesquisa das instituições africanas só costumam gerar tecnologias ou inovações limitadas. Tem havido melhorias recentes em instituições como o Centro Nacional de Pesquisa Agrônômica (CNRA), na Côte d'Ivoire; o Centro Jima de Pesquisa Agrícola (JARC), na Etiópia; o Instituto de Pesquisa Cafeeira (CRI), no Quênia; o Instituto Tanzaniano de Pesquisa Cafeeira (TaCRI), na Tanzânia; e o Instituto Nacional de Pesquisa dos Recursos Agrícolas (NaCRRI), em Uganda. Essas instituições de pesquisa tiveram êxito ao desenvolver novos materiais vegetativos de alto rendimento resistentes a doenças. No entanto, a disseminação desses materiais e sua adoção pelos cafeicultores têm sido limitadas. A Fundação de Pesquisa Cafeeira, no Quênia (que se tornou o atual Instituto de Pesquisa Cafeeira) desenvolveu uma nova variedade denominada "Batian", com potencial de alto rendimento, além de resistente às principais doenças do cafeeiro como a ferrugem e a broca. Diversos países tomaram medidas positivas para melhorar a produtividade através de estratégias de desenvolvimento do café (Camarões, Côte d'Ivoire, Tanzânia, Uganda, etc.).

30. Um número significativo de cafeicultores e associações de agricultores também se beneficiou de programas relacionados com o café sustentável em países como a Etiópia, o Quênia, Ruanda, a Tanzânia e Uganda, embora, considerando o tamanho das comunidades cafeeiras, essas iniciativas só cobrem um pequeno número de cafeicultores. Apesar do atual potencial de apoio à produção e à qualidade, muitos países produtores da África continuam a praticar agricultura de subsistência e a usar técnicas modernas de forma muito limitada.

### II.1.3 Ausência ou redução dos serviços de apoio aos pequenos cafeicultores

31. A transferência de tecnologia aos agricultores e a provisão de treinamento e outros serviços de assessoramento agrícola geralmente são responsabilidade do governo, que as confia a organizações nacionais de serviços de extensão ou instituições de pesquisa. Os esforços dedicados à pesquisa e desenvolvimento, de toda forma, têm tido pouco impacto no desenvolvimento socioeconômico e tecnológico em todo o continente. Além disso, a

agricultura em alguns países como Angola, a República Democrática do Congo, a Guiné Equatorial, o Gabão e a Nigéria tradicionalmente têm sido ofuscados por setores econômicos mais atraentes, como a mineração e a extração petrolífera. Em contraste, alguns países como a Etiópia, o Quênia, Ruanda, a Tanzânia e Uganda fizeram grande progresso, mas o desafio se mantém, pois a provisão de serviços de apoio é um processo contínuo, que requer recursos financeiros e humanos consideráveis. Em Gana, por exemplo, só 41% dos cafeicultores têm acesso a serviços de apoio técnico e, mesmo assim, essa porcentagem parece bem mais alta que em muitos outros países. Em muitos países, o governo já não fornece serviços de extensão, permitindo, ao invés, que o setor privado preencha a lacuna.

#### II.1.4 Organização insatisfatória dos agricultores

32. A promoção da sustentabilidade requer organizações eficientes de agricultores, que possam funcionar como condutos para a provisão de serviços essenciais de apoio e outras iniciativas para desenvolver o setor cafeeiro. Na verdade, essas organizações são uma via potencial de acesso a insumos agrícolas e serviços financeiros e de gestão de risco.

#### II.1.5 Envelhecimento da população agrícola/escassez de jovens na cafeicultura

33. Os problemas da agricultura em geral e do café em particular tendem a dissuadir os jovens de contemplar um futuro na agricultura. O fato de que os agricultores estão envelhecendo é refletido em sua falta de disposição para adotar técnicas modernas de cultivo e ideias para a gestão agrícola. O engajamento dos jovens, portanto, seria um fator preponderante no cenário da sustentabilidade no setor cafeeiro.

#### II.1.6 Igualdade de gênero na cafeicultura

34. A igualdade de gênero na agricultura é uma questão complexa no contexto da sociologia africana. A família via de regra é chefiada pelo marido, mas a esposa participa de todas as decisões que digam respeito a questões familiares, entre as quais a agricultura. Uma mulher que seja cafeeicultora sozinha tem os mesmos direitos à terra que um homem sozinho. Em muitos países africanos, porém, a esposa exerce um controle limitado sobre os recursos agrícolas, apesar de ter um papel importante na manutenção das lavouras e na colheita. Tratando-se de casais casados, além disso, os direitos de propriedade da terra e das lavouras pelas mulheres não são claros, pois, quando um casal se divorcia, em certos países a mulher divorciada se vê sem nenhum desses direitos. O acesso aos bens familiares pelas mulheres tem um impacto significativo nas condições de vida nas áreas rurais, particularmente no tocante à educação dos filhos, à saúde e à redução da pobreza.

### II.1.7 Acesso limitado a financiamento

35. Muitos desafios continuam existindo em matéria de financiamento, pois as taxas de juros são altas demais (20 a 28%) e o acesso dos pequenos cafeicultores a crédito é limitado. Devido à imprevisibilidade da produção agrícola, resultante da alta dependência em relação a fatores exógenos, a abertura de crédito pelos bancos comerciais é rara em muitos países africanos. As grandes fazendas ou propriedades comerciais dispõem de seus próprios canais de financiamento – em geral bancos comerciais. Os bancos preferem emprestar a outros setores. No Quênia, porém, os créditos aos pequenos agricultores através de sociedades cooperativas são relativamente bem desenvolvidos. Em muitos países da África ocidental, as experiências de crédito rural acabaram em fracasso, devido a numerosas inadimplências. Com a ausência de facilidades de crédito, os pequenos cafeicultores minimizam suas despesas reduzindo os cuidados com a lavoura e o manejo de pragas e doenças. Em alguns países, a maioria dos cafeicultores continua a depender de emprestadores das vilas locais para crédito. Esses emprestadores cobram juros muito altos pelos débitos contraídos, que são pagos com o fornecimento do café colhido.

### II.1.8 Ausência/Fraqueza das medidas de adaptação às mudanças climáticas

36. Além das numerosas limitações referidas acima, os agricultores da África, como os de outros continentes, também precisam enfrentar os desafios que as mudanças climáticas representam. As mudanças dos regimes pluviométricos anuais ou as mudanças erráticas das temperaturas afetam negativamente a produção agrícola, inclusive através da proliferação de doenças e pragas e da queda subsequente da produtividade. As consequências negativas são ainda mais severas, em vista da escassez de propriedades irrigadas na África.

## II.2 Desafios associados com a comercialização

### II.2.1 Acesso dos pequenos agricultores ao mercado

37. É difícil para os cafeicultores chegar aos melhores mercados para seu produto, devido à ausência ou fraqueza de organizações de agricultores, que lhes deveriam abrir caminho para o mercado. Consequência direta dessa situação são os preços baixos, devido à presença de muitos intermediários na cadeia de comercialização. Os preços baixos desencorajam os cafeicultores, que abandonam ou negligenciam suas lavouras, resultando em quedas de produção. O desafio, aqui, reside em como estruturar essas organizações para, com criatividade comercial, adquirirem capacidade de competir em bases iguais no clima de hoje. Até então, os cafeicultores continuarão mais vulneráveis à exploração dos intermediários.



A agregação de cafeicultores em grupos estruturados facilita o acesso ao mercado e reduz os custos de transação. Reduz também o custo dos insumos, através de compras em grupo, a preços vantajosos. Muito poucos países exportadores da África possuem cooperativas de produtores bem estruturadas, com a capacidade financeira e administrativa necessária. A maioria das cooperativas ou sociedades básicas, com exceção das de alguns países com farta experiência no movimento cooperativo rural, são fracas e precisam de ser fortalecidas. Tem-se notícia de um pequeno número de associações de agricultores que estabeleceram elos com o mercado através de programas de desenvolvimento apoiados por doadores e ONGs. Embora progresso perceptível tenha sido feito, o acesso ao mercado por associações de agricultores em geral continua fraco em quase todos os países produtores do continente.

### II.2.2 Exploração comercial limitada da diversidade baseada no lugar de origem ou no conceito de “terroir”

38. A maneira como o sistema de marketing se organiza não conduz à promoção dos diversos atributos do café com base nas características das respectivas zonas de produção. Com exceção da Etiópia e, em menor escala, do Quênia, estratégias de marketing que levam em consideração as indicações geográficas ou “terroirs” de origem do café ainda não foram postas em execução em muitos países africanos. Na Côte d’Ivoire, por exemplo, os resultados de um projeto que focaliza características específicas dos diferenciadores dos cafés Robusta (solo, clima, altitude, etc.) com base no conceito de “terroir” ainda não foram incorporados ao sistema de marketing<sup>4</sup>.

### II.3 Desafios associados com o processamento / a criação de valor agregado

39. As atividades de processamento, entre as quais a torrefação para incrementar o valor agregado, ainda são incomuns na África. A participação do café verde processado localmente ainda é insignificante, comparada com os totais exportados. A única exceção é a Etiópia, onde o consumo interno responde por quase metade da produção nacional de café verde e compete com o setor exportador. Em alguns países africanos, porém, há muitos negócios de pequeno porte que se ocupam da torrefação no setor informal. O desafio para as autoridades reguladoras consiste em monitorar o setor informal, dando maior proteção à saúde dos consumidores.

---

<sup>4</sup> *Melhoria da qualidade e comercialização do Robusta pela otimização do uso dos terrenos de café (CFC/ICO/05).*

### III. CONCLUSÃO

40. Ainda que muitas iniciativas tenham sido adotadas em alguns países, numerosos desafios continuam a se antepor à consecução de um setor cafeeiro sustentável na África. O principal deles é conseguir a transição do setor de uma atividade de subsistência para uma atividade empresarial. Os cafeicultores precisam obter renda sustentável e certeza de sustento no longo prazo.

41. A produtividade ainda é demasiado baixa para garantir a sustentabilidade da produção de café em períodos longos de preços baixos. Em muitos países africanos, o setor dos pequenos produtores consiste em uma multiplicidade de pequenas operações agrícolas dispersas, frequentemente com acesso físico limitado e comunicações muito pobres. Além disso, como o apoio da pesquisa e extensão é muito fraco, os cafeicultores de muitos países são muito lentos na adoção das boas práticas que levam à alta qualidade e produtividade necessárias. As mudanças climáticas, que afetam a produção, são um desafio adicional.

42. Por último, deve-se notar que, quando sua renda diminui, os pequenos cafeicultores são tentados ou forçados a limitar as práticas que protegem a qualidade do solo. A limitação dos recursos disponíveis, além disso, faz com que os serviços de apoio reduzam o treinamento básico, em que conhecimentos são transmitidos, por exemplo, sobre o uso de insumos, a reciclagem de detritos orgânicos para produzir fertilizantes e as espécies biológicas que favorecem a drenagem apropriada do solo e a oxigenação. Trata-se de um sério desafio à agricultura sustentável, pois a dimensão humana da sustentabilidade repousa na redução da pobreza e da desigualdade e no acesso a recursos, cuidados de saúde e educação. Um esforço coordenado, porém, deve permitir que se continue a pôr em relevo o perfil do setor cafeeiro africano, dando-lhe condições de implementar padrões de sustentabilidade.

Quadro 1: Produção média por continente (anos-safra 1965/66 a 1988/89)

	Produção média (milhares de sacas de 60 kg)	% do total mundial	
<b>Total mundial</b>	<b>77 733</b>		
<b>América do Sul</b>	<b>36 668</b>	<b>47,2%</b>	
<b>África</b>	<b>19 350</b>	<b>24,9%</b>	
<b>América Central &amp; México</b>	<b>14 138</b>	<b>18,2%</b>	
<b>Ásia &amp; Oceania</b>	<b>7 578</b>	<b>9,7%</b>	
			<b>Ranking mundial</b>
<b>Brasil</b>	22 851	29,4%	1
<b>Colômbia</b>	10 097	13,0%	2
<b>Indonésia</b>	4 142	5,3%	3
<b>Côte d'Ivoire</b>	3 957	5,1%	4
<b>México</b>	3 931	5,1%	5
<b>Etiópia</b>	2 892	3,7%	6
<b>Uganda</b>	2 801	3,6%	7
<b>El Salvador</b>	2 538	3,3%	8
<b>Guatemala</b>	2 409	3,1%	9
<b>Índia</b>	1 855	2,4%	10
<b>Angola</b>	1 748	2,2%	11
<b>Costa Rica</b>	1 684	2,2%	12
<b>Camarões</b>	1 516	2,0%	13
<b>Equador</b>	1 490	1,9%	14
<b>Congo, Rep. Dem. do</b>	1 375	1,8%	15
<b>Quênia</b>	1 363	1,8%	16
<b>Peru</b>	1 067	1,4%	17
<b>Madagáscar</b>	1 050	1,4%	18
<b>Honduras</b>	1 024	1,3%	19
<b>Venezuela</b>	925	1,2%	20

**Quadro 2: Produção média por continente (anos-safra 2009/10 a 2014/15)**

	Produção média (milhares de sacas de 60 kg)	% do total mundial	
<b>Total mundial</b>	138 141	100,0%	
<b>América do Sul</b>	61 809	44,7%	
<b>Ásia &amp; Oceania</b>	42 079	30,5%	
<b>América Central &amp; México</b>	17 931	13,0%	
<b>África</b>	16 322	11,8%	
			<b>Ranking mundial</b>
<b>Etiópia</b>	6 769	4,9%	5
<b>Uganda</b>	3 406	2,5%	11
<b>Côte d'Ivoire</b>	1 849	1,3%	13
<b>Tanzânia</b>	836	0,6%	18
<b>Quênia</b>	765	0,6%	20
<b>Camarões</b>	539	0,4%	<b>22</b>
<b>Madagáscar</b>	530	0,4%	23
<b>Congo, Rep. Dem. do</b>	337	0,2%	27
<b>Guiné</b>	302	0,2%	28
<b>Ruanda</b>	267	0,2%	30
<b>Burundi</b>	248	0,2%	31
<b>Togo</b>	140	0,1%	33
<b>República Centro-Africana</b>	82	0,1%	37
<b>Gana</b>	65	0,0%	39
<b>Serra Leoa</b>	58	0,0%	40
<b>Nigéria</b>	41	0,0%	41
<b>Angola</b>	31	0,0%	43
<b>Malauí</b>	21	0,0%	45
<b>Zâmbia</b>	12	0,0%	47
<b>Zimbábue</b>	11	0,0%	48
<b>Libéria</b>	10	0,0%	50
<b>Congo, Rep. do</b>	3	0,0%	51
<b>Gabão</b>	1	0,0%	54
<b>Benin</b>	0	0,0%	55
<b>Guiné Equatorial</b>	0	0,0%	56

**Quadro 3: Número de cafeicultores e áreas de cafeicultura (estimativa de 2010)**

	Número de cafeicultores	Número de empregados	Total	Área média (hectares)	Número de cafeeiros	% de pequenas propriedades	% de grandes propriedades	Total da população	Total da população rural	% da população rural
<b>Total África (25)</b>	<b>11 663 353</b>	<b>437 165</b>	<b>12 100 518</b>	<b>2 440 684</b>	<b>572 509 238</b>			<b>716 334 254</b>	<b>455 435 416</b>	<b>63,6%</b>
Angola	35 853	1 200	<b>37 053</b>	52 200		97,00%	3,00%	22 137 261	12 618 239	57,0%
Uganda	1 713 523	65 000	<b>1 778 523</b>	282 284	332 509 238	97,00%	3,00%	38 844 624	32 629 484	84,0%
Côte d'Ivoire	650 000	65 000	<b>715 000</b>	360 000		98,00%	2,00%	20 804 774	9 778 244	47,0%
Etiópia	2 500 000	250 000	<b>2 750 000</b>	509 000		95,00%	5,00%	96 506 031	78 169 885	81,0%
Camarões	600 000	1 500	<b>601 500</b>	140 000		96,00%	4,00%	22 818 632	10 496 571	46,0%
Congo, Rep. Dem. do	650 000	2 500	<b>652 500</b>	200 000		90,00%	10,00%	69 360 118	40 228 868	58,0%
Madagáscar	350 000	30 000	<b>380 000</b>	200 000		100,00%	0,00%	23 571 962	15 557 495	66,0%
Quênia	650 000	10 000	<b>660 000</b>	160 000		55,00%	45,00%	45 545 980	34 159 485	75,0%
Tanzânia	2 400 000	4 000	<b>2 404 000</b>	229 000	240 000 000	90,00%	10,00%	50 757 459	35 022 647	69,0%
Burundi	800 000	100	<b>800 100</b>	60 000		100,00%	0,00%	10 482 752	9 224 822	88,0%
Togo	62 282	800	<b>63 082</b>	37 768		90,00%	10,00%	6 993 244	4 265 879	61,0%
Ruanda	750 000	100	<b>750 100</b>	42 000		99,00%	1,00%	12 100 049	8 712 035	72,0%
República Centro-Africana	150 000	1 500	<b>151 500</b>	60 000		80,00%	20,00%	4 709 203	2 825 522	60,0%
Serra Leoa	45 000	200	<b>45 200</b>	2 000		99,00%	1,00%	6 205 382	3 723 229	60,0%
Guiné	38 000	150	<b>38 150</b>	46 000		97,00%	3,00%	12 043 898	7 587 656	63,0%
Gana	4 182	85	<b>4 267</b>	2 949		97,00%	3,00%	26 442 178	12 427 824	47,0%
Libéria	24 000	100	<b>24 100</b>	2 000		98,00%	2,00%	4 396 873	2 242 405	51,0%
Nigéria	200 000	1 000	<b>201 000</b>	25 000		96,00%	4,00%	178 516 904	94 613 959	53,0%
Congo, Rep. do	15 000	250	<b>15 250</b>	7 500		98,00%	2,00%	4 558 594	1 595 508	35,0%
Benin	6 000	80	<b>6 080</b>	9 500		100,00%	0,00%	10 599 510	5 935 726	56,0%
Gabão	2 000	250	<b>2 250</b>	2 000		98,00%	2,00%	1 711 294	222 468	13,0%
Malauí	15 000	3 000	<b>18 000</b>	3 500		25,00%	75,00%	16 829 144	14 136 481	84,0%
Guiné Equatorial	1 500	200	<b>1 700</b>	1 200		100,00%	0,00%	778 061	466 837	60,0%
Zâmbia	1	50	<b>51</b>	6 000		5,00%	95,00%	15 021 002	9 012 601	60,0%
Zimbábue	1 012	100	<b>1 112</b>	783		75,00%	25,00%	14 599 325	9 781 548	67,0%

**Quadro 4: População e consumo interno (ano-safra 2013/14)**

	Total da população (milhares)*	Consumo interno (toneladas)	Consumo per capita (kg)	Participação % no total do consumo africano
<b>Total África</b>	<b>656 133</b>	<b>305 580</b>	<b>0,466</b>	<b>100,00%</b>
Angola	20 609	1 800	0,087	0,59%
Uganda	32 939	8 400	0,255	2,75%
Côte d'Ivoire	21 395	19 020	0,889	6,22%
Etiópia	84 321	219 000	2,597	71,67%
Camarões	19 406	4 140	0,213	1,35%
Congo, Rep. Dem. do	65 966	12 000	0,182	3,93%
Madagáscar	20 696	28 020	1,354	9,17%
Quênia	38 610	3 000	0,078	0,98%
Tanzânia	43 188	2 820	0,065	0,92%
Burundi	10 200	120	0,012	0,04%
Togo	6 191	120	0,019	0,00%
Ruanda	10 718	60	0,006	0,02%
República Centro-Africana	5 000	480	0,096	0,16%
Serra Leoa	5 400	300	0,056	0,10%
Guiné	10 537	120	0,011	0,04%
Gana	24 223	120	0,005	0,04%
Libéria	3 477	300	0,086	0,10%
Nigéria	177 500	2 400	0,014	0,79%
Congo, Rep. do	4 043	180	0,045	0,06%
Benin	10 300	0	0,000	0,00%
Gabão	1 505	0	0,000	0,00%
Malauí	13 102	60	0,005	0,02%
Guiné Equatorial	700	0	0,000	0,00%
Zâmbia	13 046	0	0,000	0,00%
Zimbábue	13 061	240	0,018	0,08%

\* Estimativa

**Quadro 5: Produtividade média da cafeicultura na África (anos-safra de 2010/11 a 2013/14)**

	Produção média		Área média (hectares)	Produtividade (kg/ha)
	(milhares de sacas de 60 kg)	(toneladas)		
<b>África</b>	<b>16 143</b>	<b>968 573</b>	<b>2 370 184</b>	<b>408.65</b>
Etiópia	6 783	406 977	509 000	800
Uganda	3 330	199 771	282 284	708
Côte d'Ivoire	1 753	105 206	360 000	292
Tanzânia	825	49 484	229 000	216
Quênia	756	45 355	110 000	412
Madagáscar	556	33 367	150 000	222
Camarões	440	26 372	120 000	220
Guiné	374	22 469	46 000	488
Congo, Rep. Dem. do	336	20 186	200 000	101
Burundi	281	16 864	60 000	281
Ruanda	270	16 181	42 000	500
Togo	125	7 506	40 000	188
República Centro-Africana	65	3 921	38 000	103
Serra Leoa	61	3 679	15 000	245
Gana	58	3 497	15 000	233
Nigéria	43	2 575	50 000	51
Angola	33	1 971	52 200	38
Malauí	22	1 292	7 000	185
Libéria	10	612	2 000	306
Zâmbia	10	576	8 000	720
Zimbábue	8	498	783	640
Congo, Rep. do	3	180	8 000	23
Gabão	1	35	1 500	24
Benin	0	0	15 000	0
Guiné Equatorial	0	0	1 200	0